

INCLUSÃO DO SUJEITO COM SÍNDROME DE ASPERGER NO ENSINO SUPERIOR

COUTO, Maria Laura de Oliveira¹, PELLEGRINI, Isadora Albrecht², Rita de Cássia Morem Cóssio Rodriguez³

1. Universidade Federal de Pelotas - UFPEL lauracouto@uol.com.br
2. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL isa_albrecht@hotmail.com
3. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – Instituto de Biologia rita.cossio@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A criança com Síndrome de Asperger (SA) possui características muito marcantes na sua vida e que persistirão até a fase adulta, como nos sugere Gillberg (2005) dificuldades de interação social, comunicação e comportamento. Esses sintomas para caracterizarem o autismo, precisam se manifestar de forma intensa na criança até os 3 (três) anos. O déficit de interação social é observado quando o sujeito não mantém contato visual nem procura relacionar-se com as pessoas de nenhuma outra forma. Paralelo a isso, a comunicação verbal no “Aspie”, ao contrário do autista clássico, é bem desenvolvida. No entanto, os assuntos que eles abordam costumam ser apenas a respeito do que lhes interessa, ou do que lhes chama a atenção. Quanto ao comportamento, o sujeito com SA tem grandes dificuldades em sair da rotina, em responder as demandas sociais, agindo de forma individualizada, independente do ambiente em que está inserido.

Devido a essas dificuldades peculiares, o sujeito com SA enfrenta problemas na escola tanto com os colegas e professores quanto com seu próprio ritmo de aprendizagem. Em função da pobre interação social, a criança não consegue se aproximar dos colegas e acaba por se isolar da turma. Por outro lado, o “Aspie” pode acreditar que é função da turma buscar contato com ele, o que acaba não funcionando, pois a criança não consegue corresponder às expectativas dos colegas. Isso se dá pelo fato de que suas respostas são muito sucintas e centradas em si mesmo, gerando má interpretação de suas atitudes e um afastamento por parte da turma. A problemática com os professores é que eles não estão devidamente preparados para lidar com alunos portadores da Síndrome de Asperger, porque para esses estudantes todas as informações são levadas “ao pé da letra”, de forma que é necessário que haja uma explicação mais detalhada sobre o que irá sair da rotina, como, por exemplo, um trabalho inesperado (número de páginas, tópicos a serem abordados, data que o trabalho precisar ser entregue, etc.) ou um feriado no meio da semana. O ritmo de aprendizagem desses alunos também é diferenciado, pois eles possuem uma facilidade muito grande em aprender e memorizar conhecimentos gerais, mesmo que não sejam da sua área de interesse. Devido a isso, freqüentemente aprendem o conteúdo mais rápido do que os colegas e conquistam notas altíssimas. Isso faz com que eles, muitas vezes, se sintam entediados dentro da sala de aula podendo prejudicar o andamento da turma, pois o aluno procura chamar a atenção.

Se uma pessoa com SA for suficientemente estimulada a enfrentar suas dificuldades poderá conquistar maior autonomia e alcançar o ingresso no Ensino Superior. A inclusão desse sujeito na universidade acarreta as mesmas dificuldades enfrentadas na Educação Básica, visto que há, como aponta Moraes (2004, p. 55) “um severo déficit no contato social, que surge desde a infância, persistindo até à idade adulta.”. Contudo, nesse momento acadêmico, a pessoa pôde adquirir maior maturidade, sendo capaz de melhor resolver certos impasses apresentados no cotidiano. Mesmo assim, as Instituições Universitárias ainda não se mostram bem preparadas para acolher esse aluno. Isso não significa que um estudante com SA precise de atenção especial dos professores, que as cobranças para com o aluno sejam menores do que com os demais. O mais adequado seria contar com acompanhamento e trabalhos extra-classe, mostrando quando haverá mudanças no calendário acadêmico e o porquê da mudança, por exemplo. Tudo isso é devido à grande dificuldade que uma pessoa portadora da SA apresenta em sair da rotina, como nos fala Teixeira (n.d. p. 9) “as rotinas de classe devem ser mantidas tão consistentes, estruturadas e previsíveis quanto possível.”. Uma diferença que pode ser visualizada entre os professores da Educação Básica e do Ensino Superior, é que aqueles possuem maior contato com a família e com o próprio aluno, visto que o conteúdo a ser ensinado exige esse relacionamento mais próximo. Entretanto, na universidade, características como um maior número de turmas e alunos, assim como a faixa etária dos estudantes, levam a uma menor aproximação das partes, causando um empecilho no desenvolvimento acadêmico do sujeito. Essa ausência de relações com os professores pode gerar um agravamento nas dificuldades já existentes nesse aluno, como a interação social, comunicação e comportamento, pelo fato de que não há uma constante cobrança na realização de atividades acadêmicas e sociais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa em andamento apresenta uma abordagem qualitativa, destinada ao estudo de caso de sujeitos Asperger incluídos no Ensino Superior. Como primeira etapa, realizou-se contato com o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Universidade Federal de Pelotas, com vistas ao levantamento dos alunos “*Aspie*” matriculados nos diferentes cursos da Universidade e os respectivos professores que atuam nestas turmas. A partir destes dados, buscou-se estabelecer de um diálogo, partindo de perguntas-chaves aplicadas aos professores do Ensino Superior que possuem alunos com a Síndrome de Asperger. Após a análise das primeiras respostas obtidas, foram formulados novos questionamentos, de acordo com a realidade vivenciada por cada professor, na perspectiva de compreender como se dá o processo de inclusão e aprendizagem neste nível de ensino, bem como a atuação e suporte que professores e cursos estão fornecendo aos sujeitos em suas necessidades especiais.

Como prosseguimento e reflexo da pesquisa, pretende-se a produção de materiais e discussões sobre o tema que ampliem, possibilitem e divulguem o processo de Inclusão.

Neste relato, serão analisadas duas das entrevistas realizadas, em função das realidades observadas e da concordância dos professores pesquisados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do que já foi estudado e discutido, é possível perceber que características descritas pelos professores estão de acordo com o que é encontrado na literatura, por exemplo, a falta de contato visual, responder a comandos explícitos, possuir área de extremo interesse, apresentar dificuldades de entender metáforas e grande capacidade de aprendizado.

Também evidenciamos que apesar de o contato com a família ser um facilitador para a relação professor-aluno, ela não é preponderante para que se crie esse vínculo. Isso se dá pelo fato de que, se o interesse do professor em se relacionar com o aluno for real, ele irá buscar meios de ser bem sucedido nessa tarefa.

A inclusão dentro da sala de aula acontece através das percepções dos professores quanto às necessidades apresentadas pelos alunos, como, por exemplo, um pouco mais de atenção. Por outro lado, mesmo recebendo uma atenção diferenciada, as exigências em relação às provas e trabalhos, como datas para entrega de tarefas e conteúdos exigidos nos testes, são iguais para todos os alunos.

Infere-se, neste contexto, o papel do professor para que a inclusão realmente aconteça, a sensibilidade em relação às diversidades, a busca por informações e formação, bem como a premente necessidade de suportes para que a prática seja qualificada.

4. CONCLUSÃO

A partir do que foi realizado até o presente momento, concluímos a existência de alguns aspectos que colaboram para o crescimento do aluno Asperger na sala de aula. Dentre eles, que a influência de um ambiente agradável juntamente com uma boa recepção desse aluno por parte do professor aumentam significativamente as chances de se criar um bom vínculo entre o professor, o aluno e seus respectivos colegas. Essa facilitação ocorre porque esse ambiente faz com que o aluno se sinta confiante frente aos demais para expor suas opiniões, argumentos e dúvidas. Percebemos, portanto, que o “*Aspie*” necessita criar essa confiança para poder crescer, de modo geral, dentro de um ambiente, pois, do contrário, o sujeito permanecerá no seu “mundo”, evitando se expor.

A inclusão no Ensino Superior, realidade cada vez mais próxima, tanto em função dos reflexos desta na Educação Básica, bem como da ampliação das formas de acesso à Universidade, vem trazendo à tona problemáticas e discussões até então não vivenciadas no ambiente acadêmico, principalmente público.

Esta situação pode ser considerada extremamente positiva, pois possibilita a sujeitos, antes alijados do processo, o acesso aos bens culturais e educacionais a que todo o cidadão tem direito. Porém, o acesso ao direito, não garante nem a permanência e menos ainda, a qualidade da formação.

Neste sentido é que cabe aprofundar cada vez mais os estudos destas vivências para, com elas, aprender, qualificar e ampliar os espaços de inclusão e cidadania, emancipação e autonomia.

5. REFERÊNCIAS

AMY, Marie Dominique. **Enfrentando o Autismo**: a criança autista, seus pais e a relação terapêutica; trad. Sérgio Tolipan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

GILLBERG, Christopher. **Transtornos do Espectro Autista**. Congresso de Psiquiatria. Belo horizonte. 10 de outubro de 2005.

MAZER, P. e LEBOVICI, S. - **Autismo e psicoses da criança**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1991

MORAES, José Luiz de. **Síndrome de Asperger**. Revista Dificuldades, Rio de Janeiro, volume único, p 55 – 61, 2004.

RODRIGUEZ, Rita de Cássia M. C. **Síndrome de Asperger: do estranhamento à construção da matriz identificatória**. In: FOLBERG, Maria Nestrovsky e PAIM, Rose (org.). Educação Desencantada. Porto Alegre: EST Edições, 2009. Pág. 107 – 125

TEIXEIRA, Paulo. **Síndrome de Asperger**. Disponível em www.psicoweb Acessado em: 10 de julho de 2012